Ano 1.º — N.º 38

Guimarães, 30 de Dezembro de 1916

# O REPUBLICANO

PROPRIEDADE
— DO —
Centro Democrático Vimaranense

EDITOR E ADMINISTRADOR,
António de J. Teixeira
Comp. e imp. Tip. Minerva Vimaranense

REDACTOR PRINCIPAL,
Eduardo d'Almeida
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

## S. Silvestre, P.

A memória dêste santo Papa, que se finou — «carregado de anos e merecimentos» — no dia 31 de dezembro de 335, e foi sepultado no cemitério de Priscila, á via Salaria, anda muito confundida na impiedosa leviandade dos homens. Pois que, na verdade, não recordam nem comemoram devidamente, no assinalado dia, o carinhoso môço romano, que hospedava em sua casa os forasteiros cristãos: lavando-lhes humildemente os pés e confortando-os bem á sua mêsa e com a sua devoção precoce e arraigada. Esqueceram já a audaciosa e comovida singeleza com que, uma noite, recolheu secretamente o côrpo do mártir S. Timoteo, vítima da fé e constância em prégar a pura doutrina, e lhe abriu por suas mãos o coval, e o sepultou, entoando hinos e psalmos, o que, havendo irritado o Prefeito Tarquino, foi motivo para o enclausurarem num calabouço húmido e triste. Tarquino Perpena (e foi o primeiro milagre do santo) ceando, porém, nessa mesma noite, um deliciôso peixe, tão raro como levando excelentes condimentos, morreu engasgado com uma espinha, que se lhe atravessou na garganta. A fama das suas virtudes elevou-o, por morte de Melquiades, á suma Dignidade Pontifical, mas logo, e porque a egreja voltara a ser perseguida, teve de refugiar-se no monte Soracte, distante sete leguas de Roma — donde apenas desceu para realizar um dos maiores e mais assombrosos milagres da sua vida, atribulada e edificante. Foi o caso que ao Imperador Constantino, atacado de elefância, aconselharam os sábios e os sacerdotes gentis que se banhasse no sangue de três mil crianças. Estava já a postos a ferocidade dos carrascos, chorosas as mãis a quem iam arrancar os meninos, quando, subitamente iluminado por uma inspiração divina, o Imperador se compadeceu da mortandade, a que daria causa um simples banho de limpeza, e a suspendeu. Então, á meia noite, apareceram a Constantino em sonhos os apóstolos Pedro e Paulo que lhe aconselharam a que mandasse vir o Papa Silvestre do êrmo em que vivia na mais pura contemplação ascética. Entrou de nôvo em Rôma o Pontifice dos cristãos. Converteu Constantino á doutrina da egreja. Preparou-o e fez com que recebêsse o batismo. Pois, ó gente incrédula, no lugar em que o Imperador recebia o primeiro sacramento, apareceu de repente uma luz clarissima, ofuscando pela resplandecência o próprio sol, e o medrado neófito «saiu da pia batismal com a carne branca, san, e pura como a de um menino, deixando a agua cheia daquela lêpra, á maneira de escamas de peixe». ¿E a sua ardente evangelização, a luta contra Arrio, o herético presbítero de Alexandria, o concilio ecuménico de Nicea — *Credo in unum Deum*—, em que se juntaram trezentos e dezoito bispos, assistido do Espirito Santo, e cujas resoluções e decretos foram assinados, no tumulo, pelos cadaveres de dois bispos, Crisanto e Musonio, que haviam falecido durante as sessões — «ainda que já mortos, havemos firmado êste papel com a nossa própria mão»?...

Traz esquecidos a gente mortal êstes piedosos feitos: e S. Silvestre, marcando no calendário o último dia do ano, não é hoje senão o simbolo do tempo que vai passando, desigual e impio, eterna primavera de ilusões e opulência para uns, açoitado de sobresaltos e angustias, e incertezas e desenganos para quási tôdos.

Cairam as derradeiras gôtas de areia. Deixa-lo ir, com os diabos!, que hade ficar na história das famílias e das nações como sinistra mancha de sangue, louca tormenta de tôdos os males.

## ANTOLOGIA

### O lôbo humano

A cada instante, aos meus ouvidos
Chega um lamento, um grito, um ai!
Côro dantêsco de gemidos,
Detonações, brados perdidos
E o báque surdo de quem cái . . .

Soluços, bôcas às dentadas
Numa feroz agitação . . .
Blasfémias, uivos, derrocadas,
Imprecações e gargalhadas
Num roneo tôrvo de tufão!

E' o velho mundo a desfazer-se
E a raça humana que o desfaz:
O Egoismo em fúria a contorcer-se,
Tôdo a espumar e a remorder-se,
Guinando aos pulos para traz . . .

Trava-se luta, braço a braço,
E não ha trégua nem perdão!
O sangue espirra a cada passo,
Os corvos grasnam pelo espaço
E o fôgo lambe a escuridão!

Numa alcatéia, foragidos,
Os lôbos olham com pavor:
— «E' o lôbo humano!» E, comovidos,
Vão para as furnas, escondidos,
Lamber os filhos com amor.

João Saraiva.

## LENDA DO NATAL

*(Conclusão)*

Mas de madrugada, quando pelas frestas entrava um fulgor doirado, o velho perguntou:

— Onde estás, compadre?

Ninguem respondeu. Uma grande paz enchia a casa. O velho procurou com os olhos, sentou-se na cama. Ninguem! Apenas na enxerga e no travesseiro de estôpa ficára resplandecendo docemente a figura do compadre, como se fôsse um brilho de nublosas...

O velho ergueu-se, rezou de mãos postas. O dia de festa alvoreceu sem nuvens. Um sol pálido e terno enchia tôda a terra de oiro... Da horta, emperlada de orvalho reluzente, o velho veio ainda contemplar longamente a concha azul do ceu misterioso e placido.

Julio Brandão.

## Ano nôvo, bom ano!

A tôdos os nossos assinantes, leitores, colegas na imprensa e amigos desejamos muito vivamente que o nôvo ano lhes alvoreça feliz e decorra venturôso.

## Mais uma . . . Da Junta Geral do Distrito

...Director de «O Republicano» e meu amigo: — Deixe-me conversar aqui, no seu jornal, com a opinião pública da minha terra, nomeadamente com aquela parte do eleitorado que me elegeu à Junta Geral e a quem, por isso mesmo, eu devo, té final, explicações da minha conducta naquêle alto côrpo administrativo.

Quero que todos hajam conhecimento dum facto que ali, na última sessão plenária, se passou, e pelo qual se mostra à evidência que, emquanto existir *tam desnecessário e improductivo* côrpo administrativo, é mister fiscalizar bem de perto o que lá se faz, ***pois nem sempre determinados representantes da séde do distrito estão dispostos a olhar os interesses dos demais concelhos com igual equidade e justiça.***

Ora aprecie-se: Depois de duas vezes termos comparecido, inutilmente, por falta de número, na séde da Junta Geral do Distrito, em Braga, foi possível, emfim! em terceira convocação, ver reünida a sessão plenária dos senhores procuradores — para discutir o orçamento ordinário para 1917, votar o adicional, nomear definitivamente os empregados da secretaria e resolver sôbre a aplicação dum saldo relativo à gerência finda.

Verificado que a assemblea podia dar comêço aos seus trabalhos por ter maioria legal, foram êstes decorrendo até à altura em que incidiu a discussão sôbre a aplicação do saldo proveniente do ano que termina a 31 do corrente. A comissão executiva da Junta Geral não propôs nem alvitrou o destino a dar a êsse saldo, computado em cinco mil escudos; declarou apenas, pela voz do seu ilustre presidente, que deixava à assemblea a decisão do caso.

Sendo-me concedida a palavra, fiz da minha parte algumas considerações quanto ao modo da aplicação a dar a êsse saldo, propondo, em resumo, que o mesmo fôsse distribuído pelos 13 concelhos do distrito, na proporção da verba tributária com que cada um contribuíu para as despêsas da mesma Junta. Não era, acrescentei, uma proposta que plenamente satisfizesse o meu critério administrativo; emquanto, porém, as J. Gerais não se integravam definitivamente e a valer no seu papel de govêrno distrital, conforme lhes outorgava o Código Administrativo, eu decidia-me por aquêle espírito comesinho de levar um pouco de beneficio a cada concelho, patenteando assim que ali igual respeito mereciam tôdos os concelhos do distrito.

Algumas objecções foram formuladas por parte da assemblea a esta proposta, sendo por fim apresentada à votação. Quando, porém, se ia proceder a esta consulta ***um senhor procurador, representante do concelho de Braga, abandona a sala, inibindo com o seu procedimento a continuação dos trabalhos!***

Requerida a contagem por um representante do concelho de Barcelos, verifica-se que quem abandonara a sala, no momento da votação, fôra o sr. Alfredo Gômes, *o autor daquela celebrada proposta do empréstimo de 200 contos para o hospital de S. Marcos.*

Num áparte o meu ilustre colega, naquêle côrpo administrativo, sr. dr. António José da Silva Bastos Junior salienta a circunstância de ter sido *um representante de Braga* quem embargou a continuação dos trabalhos. Mandando o sr. presidente da assemblea verificar por um contínuo se o sr. Alfredo Gômes estava nos corredores e, provado que êste sr. se havia retirado, ***propositadamente, para que a proposta não fôsse votada,*** por falta de número legal, a indignação da assemblea exterioriza-se veementemente, ouvindo-se alguns brados como êstes:

— «Não volto aqui mais!»

— «Estão a brincar comnôsco!»

— «E' melhor dissolverem isto!»

Sendo eu o autor da proposta, senti-me, como é natural, mais directamente atingido pela *habilidade* do procurador bracarense; e, como não podia deixar de ser, verberei em termos candentes o procedimento havido para com a assemblea da Junta Geral, terminando por sair violentamente da sala.

Pergunto eu agora: deve êste velhaco e calculado procedimento do procurador bracarense ficar assim?

Por mim, digo que não! E' acima de tudo necessário fazer triunfar o princípio de que na Junta Geral todos os concelhos do distrito teem ali iguais direitos e que jámais será pelo estratagema duma habilidade grosseira que êsse direito será logrado.

Não envolve esta atitude, de nenhum modo, agravo ou ressaibo de ordem colectiva, e escusam por isso de vir amanhã os *anjos da paz* invocar a santa fraternidade dos povos — pois que nem é caso para partirem os de Guimarães em som de guerra contra os de Braga, nem para os «anarquistas da Rua d'Agua» correrem à fôrma os representantes desta velha e nobilíssima terra.

Tudo se fará pelo melhor; tanto mais que tenho os mais sérios motivos para afirmar *que os outros representantes da séde do distrito não aprovaram o procedimento do seu colega bracarense, tanto êle foi destacadamente incorrecto e tam superiormente correctos S. Ex.as são.*

Esperemos, portanto, em calma e sem febre, o desfecho dêste episódio apenas esboçado — o segundo episódio desagradável em três anos de Junta Geral e prouvera que, por minha sorte, fôsse êste o último em que houvesse de entrar, tam pouco e particularmente tam caro é o que ali me tem sido dado fazer.

A. L. de Carvalho.

## Ainda as meninas...

Dos distintos académicos, snrs. Arménio Caldas, Antonio Vianna e Antonio de Madureira, recebêmos um communicado com aquêle título, em resposta ás últimas considerações feitas no nosso colega—*Ecos de Guimarães*—, que, por absoluta falta de espaço, não podêmos hoje publicar. Mas, como para alem dêste número se perde a oportunidade, apraz-nos acrescentar que, com a galhardia própria duma leal camaradagem, os briosos estudantes defendem a Academia Vimaranense e o Liceu de Guimarães das arguições que lhe foram assacadas. Negam que os estudantes houvessem zombado das meninas do colégio de Vizela, que respeitam como devem, mas que houve apenas uma ligeira troça, natural, aos que as seguiam no intuito, não realizado, de cumprimentarem, simplesmente e delicadamente, as parentes e conhecidas. Não houve, pois, a mais pequêna intenção de falta de respeito, nem propositado melindre. Crêmos assim reproduzir a essência da resposta, de cuja não publicação integral, pelo motivo apontado, pedimos nos desculpem.

*

## A sombra ilusória

Assim como, ao estalar da guerra, sentimos o pêso duma derrocada espiritual de quanto aprendêramos e idealizavamos, o coração esmagado de assombro e revolta, assim, friamente, e talvez por que nos anime o mais ardente desejo de que termine de vez a horrorosa sangueira que para sempre desmentiu uma civilização postiça, não nos ilude a esperança de que a proposta apresentada pela Alemanha, num momento em que ela pode altivamente proclamar-se vencedora, ou a nota de Wilson, cujo humanitarismo acordou demasiado tarde, sejam aceitas pelos nossos aliados.

A paz seria, nêste momento, como aquela ficticia melhoria dos que vão morrer—uma réstea de sol antes da eterna negrura do sepulcro.

Se a diplomacia europea se declarou falida no verão de 1914, ao desencadear-se a tempestade que ela nem conseguira prever ante sinais evidentissimos, por mais ardilosa que se mostrasse agora, a paz firmada sôb quaisquer condições contratuais—«bocados de papel»—representaria o incontestável triunfo dos impérios centrais. E para os aliados, consequentemente, seria mais do que uma tremenda e vergonhosa derrota, porque, tristemente mas inegavelmente, havia de considerar-se como uma traição a tôdos os mortos—os que morreram pelo futuro, pela honra, pela glória da Pátria.

Como no drama gœthiano, as falas mansas do Kaiser são as gargalhadas de Mefistófeles, danando as almas.

*

## O valôr do tempo

Vivi cincoenta anos nominalmente, mas se deduzirdes as horas que vivi para os outros e não para mim, vereis que sou ainda bem um rapaz.

*Lamb.*

*

Ha umas horas que nos são tomadas, outras que nos roubam e outras que nos fogem.

*Séneca.*

*

A alma é um fôgo que é necessário alimentar e que se extingue se não aumenta.

*Voltaire.*

*

A preguiça é o maior desperdício do mundo. Perde o que é incalculável em relação ao que puderiamos fazer no presente, o que se não poderá reparar, uma vez a hora passada, por que a hora é impossivel de voltar a encontrar-se por qualquer fôrça da arte ou da natureza.

*Jérémy Taylor.*

*

O que mais sabe é o que mais se aflige com a pêrda do tempo.

*Dante.*

# Vulgarização instrutiva

*Remy de Gourmont*

## A dissociação das ideas

(12)

Admitir a arte porque pode moralizar os individuos ou as massas é admitir as rosas porque delas se extrái um remédio útil para os olhos; é confundir duas séries de noções que o exercício regular da inteligência coloca em planos diferentes. As artes plásticas teem uma linguagem, que não pode traduzir-se em palavras e em frases. Na obra de arte ha discursos que se dirigem ao seu tido estético e só a êle; o que pode dizer de sôbrecelente e perceptível ás nossas outras faculdades não vale a pêna ser ouvido. E' todavia esta parte caduca que interessa os panegiristas da arte social. São o número e, como nós sômos regidos pela lei do número, o seu triunfo parece assegurado. A idea de arte não foi talvez dissociada senão durante um pequeno número de anos e por um pequeno número de inteligências.

Ha portanto um grande número de ideas que os homens não empregam jamais no estado puro, quer porque ainda não tenham sido dissociadas, quer porque a dissociação não possa manter-se com estabilidade; ha tambem um grande número de ideas que existem no estado dissociado, ou que se podem provisoriamente considerar como tais, mas que teem uma afinidade particular para outras ideas com que se encontram a a maior parte das vezes; ha outras ainda que parecem refractárias a certas associações, quando os factos a que correspondem na realidade são extremamente frequentes. Eis alguns exemplos dessas afinidades e dessas repulsões colhidos no dominio tão interessante dos lugares comuns ou das verdades.

Os estandartes foram, a principio, sinais religiosos, como a auriflama de San Diniz, e a sua utilidade simbólica mantêve-se pelo menos igual á sua utilidade real. Mas como, fora da guerra, se tornaram simbolos da idea da pátria? E' mais facil de explicar pelos factos do que pela logica abstracta. Hoje, em quasi tôdos os países civilizados, a idea de pátria e a idea de bandeira andam invencivelmente associadas; as duas palavras dizem se mesmo uma pela outra. Mas isto prende-se tanto á simbólica como á associação das ideas. Insistindo chegariamos á linguagem das côres, contra-partida da linguagem das flores, mas mais instável ainda e mais arbitrária. Se é jucundo que o azul da bandeira francêsa seja a côr devota da Virgem e das filhas de Maria, não o é menos que a piedosa purpura de San-Diniz se transformasse num simbolo revolucionário. Semelhantes aos átomos de Epicuro, as ideas ligam-se desordenadamente, ao acaso dos encontros, dos choques e dos acidentes.

# O NATAL DOS PEQUENINOS

(da festa realizada no Teatro Afonso Henriques, pelos alunos das Escolas Centrais, na noite de 23 de dezembro, para distribuição de 100 fatos a crianças pobres).

## Farpela nova

(Diálogo)

—Ando doido de alegria,
Não caibo em mim de contente;
Tive carta de alforria,
Viva Deus! viva a folia!
Já sou gente! Já sou gente!

Eh! rapazes, adivinhai,
De que pula o coração:
Dou um doce, reparai!
Olhai bem! olhai, olhai!...
Adivinha tu, comilão?

Tens um olho bem lampeiro,
Diz lá: porque sou ditoso?
—Olha; foste ao mialheiro;
Precisavas de dinheiro,
P'ra comprar dôces, gulôso!

—Mialheiro 'stá quebrado.
Como podia lá ir?!
—Tiveste então batisado,
«Samagaio» festejado...
Ou 'stá sueto p'ra vir?

—Ainda não! 'inda não!
Deita-te a adivinhar;
—Ganhaste à bilharda, ao pião?
A' roça, à barra, ao botão?...
Ou já aprendêste a fumar?

—Adivinha! adivinha!
Tu que és dos mais maganos;
—Ai! já sei, a prenda é minha,
Branco é, pói a galinha...
Fazes anos! fazes anos!

—O meu dôce não ganhaste,
Dou-lhe uma, dou-lhe duas...
—Espera lá! (Ai, que desastre!...)
Só se foi que tu pregaste,
Alguma partida das tuas?

—Ora chegam'o ouvido,
E já vais... adivinhar;
'Stou alegre, divertido,
Pois não vês qu'estou vestido,
Fato novo a estreiar?!

Olha tu bem para mim...
Cá ao petiz ninguem ganha!
—Porque não vais a Berlim,
Venceres tu, mesmo assim,
O imp'rador d'Alemanha?

—E' do «Londres» êste artigo,
Que me pôs nestas *tesuras*.
—Falta apenas, meu amigo
(E vou fazer-to, sem p'rigo,)
*O assentar-t'as* costuras!

—Larga, larga, ó meu rôto!
Que não é jôgo da pela!
—Se sou rôto, mais garôto;
Está *chic*, seu marôto:
Quem foi que deu a farpela?

—Foi meu papá por lhe dar,
Uma duzia de beijinhos.
—Fazes negócio a beijar?
Vou ter roupa a estreiar,
Mesmo sem êsses... miminhos.

—Como é que pode ser,
Se tu, coitado, és pobre?!
—E' milagre que vais ver;
O meu querer é poder...
Vem do céu que tôdos cobre.

Duvidas dos bons destinos?
Então lê, que já descobres:
—«O Natal dos pequeninos,
Vem entre bençãos e hinos,
Trazer roupinhas aos pobres».

Toma lá, apertadinho,
Um forte *xi coração!*
—Obrigado, fidalguinho,
Não m'estorves o caminho,
Sou um figo... um figurão!

*A. L. de Carvalho.*

Temos ouvido vezes sem conta comentar das mais variadas formas a nossa intervenção na guerra. Dentre os vários comentários ha um que se torna sobremaneira curiôso—é o daquêles que dizem que Portugal deveria conservar-se neutro à semelhança da nossa visinha Espanha, dos Estados Unidos da America do Norte e de tantas outras nações.

E dizem os defensores da nossa neutralidade que, se não nos envolvêssemos no conflicto, não teriamos de atravessar uma crise tão intensa nem tão pouco sofreriamos as conseqüências desastrosas na hipótese da vitória teutónica.

Estes dois argumentos que os seus defensores julgam de um grande alcance apenas teem, a nosso ver, a qualidade de provocar o riso. A crise que atravessamos não é apanágio dêste ou daquêle pôvo, mas uma conseqüência forçada, fatal, de uma luta encarniçada, de uma guerra sem treguas em que estão envolvidas as mais poderosas nações, os maiores potentados comerciais. E tanto os beligerantes como os neutros as sofrem em igual intensidade.

Afirmar, ou mesmo ter a idea de que a Alemanha, caso conseguisse a vitória, nos pouparia se fôramos neutros é ridiculo. Como póde albergar se na imaginação, como póde ter logar em um cérebro pensante a esperança de que as nações pequenas escapariam ao cutelo dos bárbaros se êles conseguissem dominar os seus poderosos inimigos? Pensar em tal é uma infantilidade sem nada que a justifique.

Parece-nos pois que sôb êstes dois pontos de vista nós nada teriamos a lucrar observando a neutralidade.

Além disso a nossa aliança secular com a Inglaterra deixaria de ser um facto se nós, na hora amarga em que ela empenha as suas fôrças na luta pela justiça e pela liberdade, nos entregassemos ao comodismo de conhecer a luta apenas pelas noticias dos jornais. Uma vez que a nossa aliada precisa de nós, o nosso dever é marchar, para que o mundo inteiro fique sabendo que a alma portuguêsa ha-de ser sempre grande e nobre e que Portugal está sempre pronto a respeitar com brio e altivez as suas gloriosas tradições. Temos de fazer sacrificios, grandes sacrificios, e não podêmos dar muito, porque somos pequenos, é certo, mas o nosso esfôrço ha-de ser devidamente pesado na hora final da luta quando a vitória surgir brilhante para as Nações que tão denodadamente se batem pela santa causa da liberdade e da justiça contra o orgulho descomedido e pretensão estulta do pangermanismo.

Da neutralidade coisa alguma tinhamos a esperar; pois, mesmo admitindo por momentos que aos império centrais coubesse a vitória, o que para bem da humanidade não sucederá, não poderiamos contar com a benevolência imperial germánica. E assim, a nossa voz será ouvida no concêrto da nações vitoriosas, teremos ao lado dos nossos nobres aliados um logar honrôso, e dos loiros da vitória alguma coisa nos ha de caber.

A hora é amarga e de sacrificios, mas não póde ser de hesitações; e malavisados andam aquêles que por ignorância, má vontade, ou criminôso intuito procuram convencer alguns de que não deveriam ir para a luta.

Portugal, um país de tradições nobilísssimas, que nunca faltou ao cumprimento dos seus devêres, não poderia agora desrespeitar os seus tratados. A hora é de sacrifício, mas dela resultará mais uma corôa de glória para a nossa querida Pátria.

Alfredo Fernandes.

## Falta de cobre

Correu com insistência o tendenciôso boato de que o snr. Domingos Vinagreiro, muito conhecido e acreditado negociante desta praça, andava açambarcando moedas de cobre, que, depois, com tão fabulosos como imaginários lucros vendia para Espanha.

E certo é que, alarmados, começaram logo outros retraíndo o cobre que possuiam pelo que, de facto, durante alguns dias houve dificuldade de trocos. A policia chegou a preocupar-se com o caso, e, embora não haja lei alguma que considere transgressão a compra e venda de vinte e cinco moedas de vintem por seis ou sete tostões, levantou um auto de investigação, a que foram chamados a depôr tôdos aquêles que, até à data, se faziam eco da atoarda. Mas, como sempre acontece de resto, ninguem soube explicar ou justificar as razões, motivos ou suspeitas do seu tão leviano múrmurio. E' uma lamentável inconsciência esta de beliscar o crédito alheio e aquêle comerciante, nosso amigo, chegou a passar alguns dissabôres.

Postas as coisas em seus têrmos, muito grato nos seria que os que ainda badalam se descosessem com a sciência certa do seu testemunho.

## O NATAL DOS PEQUENINOS

## AGRADECIMENTO

A direcção de "A Solidaria„ —associação dos alunos das Escolas Centrais — vem com muito reconhecimento agradecer a tôdos quantos a auxiliaram na sua iniciativa de vestir 100 crianças, de ambos os sexos, por ocasião da Festa da Familia. Não quer todavia deixar de especialisar — a empreza do Teatro D. Afonso e o concessionário da luz eléctrica; o tercêto musical compôsto pela Ex.ma Senhora D. Maria Queiroz Dias, José Carreira e Antonio Policarpo; a Empreza Cinematográfica Vimaranense; os srs. António Luís da Silva Dantas, proprietário da Tipografia Minerva e Ernesto de Vasconcelos, proprietário da casa "Londres em Guimarães„; dr. Eduardo d'Almeida; Francisco Inácio da Cunha Guimarães; Joaquim Cardôso; João Rodrigues Loureiro; José Novais; Domingos da Cunha Mendes; Manuel Mauricio, fornecedor de plantas ornamentais, e os empregados do Teatro.

—Ao Conselho de Assistência Escolar sob cujo patrocinio vive esta associação infantil, patenteia a direcção de "A Solidária„ igual reconhecimento.

Guimarães, 29 de Dezembro de 1916.

O Presidente,

*A. L. de Carvalho.*

# NOTICIOSA

### A "Solidária,,

A direcção desta simpática associação dos alunos das Escolas Centrais, realizou no sábado, como estava anunciado, no teatro D. Afonso Henriques, a festa em benefício dos seus pequeninos companheiros mais necessitados.

O nosso distincto colaborador, sr. A. L. de Carvalho, desvelado protector da nova e benemérita instituição e a quem se deve a realização da tocante festa, pensou e conseguiu tornar alegre o Natal para cem crianças, dando, a cada uma, um fato novo.

Presidiu à simples mas edificante solenidade o representante do Município, sr. José Rodrigues Leite da Silva, Vice-Presidente da Comissão Executiva, secretariado pelo Inspector do Circulo Escolar, sr. A. Miranda, e sr. António Caires Pinto de Madureira, Presidente do Conselho de Assistência Escolar. Tomaram também parte na meza o corpo docente das Escolas Centrais e Membros do Conselho de Assistência.

Um Orfeon de cento e tantas crianças cantou os números do programa, sôb a direcção do sr. Alvaro Ventura, sub-chefe da banda de infantaria 20, recebendo calorosos aplausos da assistência.

Falaram, referindo-se ao acto que se realisava e tecendo encómios ao sr. A. L. de Carvalho, o nosso redactor principal e advogado, sr. dr. Eduardo d'Almeida e o Inspector do Círculo, sr. Miranda.

Um menino recitou «A boneca» interessante poesia do sr. A. L. de Carvalho, que foi muito aplaudida.

Houve mais recitações por alunos das Centrais, a que noutro lugar nos referimos, e terminou a brilhante sessão, pela distribuição dos fatos ás crianças, acto que sensibilisou a assistência.

A sala do teatro ostentava uma fina decoração e cooperou na festa o distincto tercêto.

*

### Contribuições

No dia 2 do próximo mês de Janeiro, na Tesouraria do Concelho, abre o cofre para a recepção das contribuições predial (rústica e urbana), industrial, suntuária, taxa militar e décima de juros.

A primeira e única prestação é paga no referido mês de Janeiro; a terceira no mês de Julho, e a quarta em Outubro.

O pagamento das prestações pode, comtudo, efectuar-se antes do vencimento.

*

### O milho

Foi superiormente determinado que os concelhos productores de milho só podem fornecer deste cereal os concelhos do país que o não produzam.

O milho só poderá transitar pela via ferrea, quando acompanhado de via passada pela autoridade administrativa, a qual será apresentada ao chefe da respectiva estação do Caminho de Ferro.

*

### Senado da Câmara Municipal

Reuniu em sessão extraordinária o Senado Vimaranense. Aprovou o orçamento ordinário para 1917 e deliberou que a percentagem a lançar sobre as contribuições gerais do Estado fosse de 28 °/₀ e não 37 °/₀, como havia sido resolvido em sessão realizada em Abril último, e bem assim que a percentagem para as contribuições, que hão de constituir receita para despesas de instrução, fôsse reduzida a 22 °/₀.

*

### Beneficência

A Comissão Distrital de Assistência, mandou entregar, por intermédio do sr. Administrador do Concelho, o subsídio de cem escudos, a cada um dos seguintes estabelecimentos de caridade e beneficência:

Asilo de Santa Estefânia, Asilo de Mendicidade, Creche de S. Francisco e Cantina Escolar Vimaranense.

*

### Falecimentos

Na sua casa do Outeiro, freguesia de S. Martinho de Candoso, faleceu a sr.ª D. Maria Lopes Vieira de Vasconcelos, tia do sr. José Correia Guimarães, industrial, do Pevidêm.

*

Em S. Faustino de Vizela, faleceu o sr. António Ferreira, proprietário e capitalista, que foi um bemfeitor daquela freguesia.

*

No hospital de S. Francisco, vitimada pela tuberculose, faleceu a internada do Asilo de Santa Estefânia Maria do Rosário.

*

Está de luto, por falecimento de sua mãe, o sr. José Leite Dias Machado, farmaceutico.

Aos doridos, as nossas condolências.

*

### Determinação da autoridade

Por edital do sr. administrador do concelho, que foi publicado, podem as casas de espectaculos, casas de pasto, cafés, restaurantes, tabernas e outras quaiquer casas públicas, encerrar ás horas a que o costumavam fazer, segundo as suas respectivas licenças, antes de ter sido decretado o estado de sítio, não sendo permitidos grupos nas ruas e praças desde as 2 horas ao amanhecer.

*

### Corpos administrativos

O sr. Governador Civil do distrito comunicou ao sr. administrador do concelho que S. Ex.ª o Ministro do Interior, sôb consulta da Procuradoria Geral da República, determinou por despacho de 23 do corrente, que caducam no dia 1 de Janeiro próximo as funcções e atribuições das comissões executivas dos corpos administrativos, devendo, por isso, a Câmara dêste concelho proceder a nova eleição.

*

### Aviso que seria dispensável

Ha pessoas pouco escrupulosas que ainda estão devolvendo o nosso jornal. Não temos nem receio nem pudor em lhes chamar pouco escrupulosas, mesmo porque o verdadeiro nome havia de doer um pouco mais. Na crise que tôda a imprensa, nomeadamente a da província, está atravessando, semelhante procedimento nada mais significa, na verdade, que um violento desperdício, exclusivamente devido a uma incorrecção desmarcada. Não aceitamos mais devoluções sem nos reservarmos o direito de cobrar aos devolutôres os números publicados até que resignem a sua assinatura. Temos a lei—mais: já assim se tem julgado nos tribunais. Porque basta... o que basta.

*

### Pela imprensa

Recebemos e agradecemos efusivamente a visita do *Portugal Moderno*, quinzenário português que se publica em Buenos Aires e de que é director e proprietário o sr. Teofilo Carinhas. O número que temos presente vem magnificamente ilustrado. E' sempre com comovida simpatia que vêmos recordar saudosamente a Pátria aos que, longe, trabalham e a dignificam e enaltecem.

*

Profusamente ilustrado, com excelente colaboração, apareceu o último número do *Pôrto-Crítico*, revista de teatros.

*

O *Vilarealense* teve a feliz idea de abrir uma subscrição para o Natal dos pobresinhos, que rendeu a bonita quantia de 221$60, e com que mitigou muita dor, calou a fome e enxugou lágrimas.

O nosso colega publica aquela lindissima poesia de António Feijó:

Bairro elegante,—e que miséria!
Rôto e faminto, à luz sidéria,
O pequenito adormeceu.
.....
No céu azul, pobre criança!
Pensa talvez, cheio d'esperança,
Vender melhor os seus jornais...

*

O nosso colega local—*A Sentinela*—dedicou, por ocasião das festas nicolinas, um número especial, com um bom retrato e distinta colaboração, à memória saudosa do Dr. Braulio Caldas, ilustre e bondôso advogado e delicado e sentimental poeta.

*

### Carteira

Acha-se completamente restabelecido da doença que o acometeu o ilustre vimaranense, sr. Conde de Margaride.

*

Tem estado doente o sr. Manoel Victorino da Silva Guimarães, proprietário, da Casa do Pombal.

*

Foi promovido a tenente, o alferes sr. Delduque, comandante da secção da Guarda Nacional Republicana, nesta cidade.

*

Encontra-se doente e em tratamento no hospital militar desta cidade, o sr. Artur de Sousa Mascarenhas, tenente de infantaria 20.

*

Fizeram concurso para conservadores obtendo honrosas classificações, os srs. drs. Fernando de Matos Chaves e António Portas.

*

O sr. Conde de Margaride mandou entregar aos guardas da polícia, para a consoada, 10$00.

# EDITAL

(1.ª Publicação)

**Avelino de Faria Guimarães, Presidente da Junta da Freguesia da Oliveira:**

Faz saber que se acha patente na secretaría desta Junta o orçamento ordinário da receita e despesa para o ano Civil de 1917, podendo qualquer paroquiano examina-lo e apresentar as alterações que julgar convenientes, dentro do praso de oito dias, a contar da data dêste.

Guimarães e Secretaría da Junta da Freguesia da Oliveira, 24 de Dezembro de 1916.

O Presidente,

*Avelino de Faria Guimarães.*

# EDITAL

(1.ª Publicação)

**Avelino de Faria Guimarães, Presidente da Junta da Freguesia da Oliveira:**

Faz público que, para os fins e efeitos do art. 8.º da Lei n.º 621 de 23 de Junho dêste ano, se procederá, no dia 14 de Janeiro de 1917, pelas 9 horas, ao referendum que os cidadãos eleitôres desta freguesia tem de dar sôbre a percentagem a votar na contribuição paroquial, que tem de constituir receita para o referido ano de 1917.

E para constar se passou o presente e outros de igual teôr que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Guimarães e secretaria da Junta da Freguesia da Oliveira, 24 de Dezembro de 1916.

O Presidente,

*Avelino de Faria Guimarães.*

# EDITAL

(2.ª Publicação)

**José Maria Gomes Alves, Chefe da Secretaria da Câmara e Recenseador Eleitoral do Concelho de Guimarães:**

Faço saber, nos têrmos e para os efeitos do Código Eleitoral, e da lei de 20 de Janeiro de 1915 que o período para a inscrição no recenseamento político do ano de 1917 começará no dia 2 de Janeiro e terminará no último dia do mês de Fevereiro próximos podendo inscrever-se como eleitores além dos que ficam do anterior recenseamento por terem a capacidade eleitoral exigida pela lei, todos os cidadãos do sexo masculino, maiores de vinte e um anos, ou que completarem essa idade até 8 de Julho de 1917, inclusivé, que estejam no goso dos seus direitos civis e políticos, saibam lêr e escrever português e residam no território da República Portuguesa.

Os recenseandos deverão escrever os requerimentos por seu punho, mencionando a filiação, estado, profissão, naturalidade, dia do nascimento e local onde foi feito o respectivo registo e, ou ter a letra e assinatura reconhecidas por notário, ou ser escritos e assinados perante o Presidente da Junta de Paróquia da freguesia das suas residências.

Juntarão aos requerimentos atestados da Junta ou do Regedor que prove que os requerentes residem ha mais de seis meses na fregusia por onde requerem a inscrição.

Os requerimentos e documentos são isentos do imposto do sêlo e de quaisquer emolumentos ou salários, desde que sejam sómente passados e aproveitados para fim eleitoral.

Guimarães, 17 de Dezembro de 1916.

O Recenseador Eleitoral,

*José M. Gomes Alves.*

### Modêlos para os fins de que trata este edital

Ex.mo Sr. Secretário Recenseador do Concelho de...

F..., morador no lugar de..., freguesia de..., dêste concelho, de... anos, filho de... e de..., (estado), (profissão), natural de... nascido em... de... de..., tendo sido feito o seu registo de nascimento na freguesia de..., concelho de..., distrito de..., sabendo lêr e escrever como prova com êste requerimento feito e assinado por seu punho, e residindo há mais de seis meses na morada acima indicada, como prova com o atestado junto, requer a V. Ex.ª que, em harmonia com as disposições da lei eleitoral em vigor, o inscreva como cidadão eleitor no caderno do recenseamento da freguesia onde reside.—Pede deferimento.

(Data e assinatura).

*Este requerimento deve ser reconhecido pelo presidente da Junta da freguesia onde residir o requerente, que atestará por sua honra que o requerimento foi feito e assinado pelo próprio, na sua presença, perante duas testenhas, que também assinarão e deverão ser eleitores na respectiva freguesia. Tambem pode ser reconhecido por notário.*

Atesto (ou atestamos) para fins eleitorais, que F... (nome, estado e profissão), reside neste concelho (ou freguesia) de..., há meses.

*(Data e assinatura ou assinaturas).*

*(Sêlo branco ou reconhecimento da assinatura ou assinaturas).*

# Estância Termal das Taipas

(Situada a 14 quilómetros de Braga e 8 de Guimarães)

Aguas meso-termais, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas (sódicas e cálcicas), cleretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais, *radioativas*.

**AS UNICAS ÁGUAS DO PAÍS PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PELE**

Tratamento das afecções dos aparelhos respiratórios, digestivos e génito-urinário; reumatismo; manifestações artriticas e sifliticas

**Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção duma Médica**

Instalações completas para electroterapia

CLÍNICOS DA EMPREZA:

**Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevedo Fernandes**

ÉPOCA TERMAL—1 de Maio a 30 de Outubro

# INTERNATO MUNICIPAL

ANEXO AO LICEU NACIONAL DE GUIMARÃES

COM DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO AUTÓNOMAS

Director pedagógico—Dr. Eduardo d'Almeida.
» disciplinar—Cónego António da Silva Ribeiro—Secretario e professor do Liceu.
» administrativo—José Caetano Pereira.

**Instrução primária.** Montou se uma *aula modêlo* com professor habilitadíssimo. Alunos internos e externos.

**Instrução secundária.** Cursos dos liceu—no Liceu de Guimarães, *no mesmo edificio*. Curso de 6.ª 7.ª classes—habilitação por distintos professores. Para êste curso admitem-se externos.

**Intrução profissional.** Curso de comércio—indispensável a todos os que se destinam à vida comercial ou desejam sair do país. Scientificamente organizado, competentemente dirigido, técnico, prático. Internos e externos. Admite-se a matrícula avulsa em qualquer cadeira. Preços convencionais para empregados de comércio.

**Instrução artística.** Atelier escola—Expressamente construido. Cursos de desenho e pintura—professor o distinto Artista Abel Cardozo, pintor, director e professor da Escola Industrial. Aula de música-canto-dança—por um competente professor.

**Educação física e moral.** Inspecção médica permanente—Medico: Dr. João de Almeida, professor do Liceu. Quartos especiais para doentes. Aula de higiene—gratuita e obrigatória para todos os internos. Balneario—duches, banhos em tinas de mármore. Educação moral e civil—palestras e conferências pelo director pedagógico. Gimnásio académico—exercícios físicos. Sessões literárias e musicais. Grupo de escoteiros—Sala de armas.

A milhor casa da provincia pelas suas condições higiénicas que desafiam qualquer confronte. Tratamento abundante géneros de 1.ª ordem, e escrupulosamente limpo. Direcção pedagógica moderna. Completa liberdade religiosa, atendendo-se e respeitando-se escrupulosamente as indicações das familias.

Pedir informações à SECRETARIA DO INTERNATO MUNICIPAL—Guimarães

# FARMACIA NORMAL

Praça de D. Afonso Henriques, 17 a 20

Abriu no dia 31 de Janeiro êste importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmacêuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapêutica.

**— Ao Ex.mo corpo clínico**
**— Aos seus amigos**
**— Ao público em geral**

participam-no

*Manoel Jesus de Sousa & C.ª*

# DEPÓSITO DE POLVORA DO ESTADO

Agencia da Companhia de Seguros

**Portugal Previdente**

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes
Completo sortido em molduras para quadros
Papel para forrar casas
Azulejos e mosaicos
Artigos para caçadores, e muitos outros artigos pertencentes a êste ramo de negócio.

**DROGARIA: FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO SUC.or**

78, Rua da República—GUIMARÃES

# "PROSPERIDADE,,

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Marítimos

SEDE NO PORTO: RUA DE TRAZ, N.º 7-2.º

Agente em GUIMARÃES

**António José Peixoto da Costa**

Rua da República n.º 144

# VAGO

AOS FUMADORES

# CIGARROS DO PARÁ

Finissimos, de aroma especial, fabricados do milhor tabaco do Estado do Pará, como seja Bragança, Akará, e outros pontos próprios desta cultura.

A' venda nas principais casas e na sede da agência

**MERCEARIA TRAZ DE S. PAIO**

Rua Dr. Avelino Germano, 45—GUIMARÃES

DESCONTO AOS REVENDEDORES

O REPUBLICANO

Propried. do Centro Democrático Vimaranense

*(Publica-se aos sábados)*

PREÇO DA ASSINATURA

| | |
|---|---|
| Ano | 1$80 cent. |
| Semestre | $65 „ |
| Brazil, ano (moeda forte) | 2$50 „ |
| Número avulso | $03 „ |

PREÇOS DAS PUBLICAÇÕES

| | |
|---|---|
| Anúncios e comunicados, por linha | 4 cent. |
| Repetição, por linha | 2 cent. |

Permanentes, contrato convencional.
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.

**O Republicano**

PROPRIEDADE DO CENTRO DEMOCRÁTICO VIMARANENSE

1.º Ano — PUBLICA-SE AOS SÁBADOS — Num. 38

*Ao Cidadão*